

A close-up photograph of a young boy with dark skin and hair, looking directly at the camera with a serious expression. He is peering through a vertical wooden door frame. The background is dark and out of focus.

A familia
entre desejos
e dificuldades

Esta publicação foi produzida no âmbito do projecto "*Meninos e meninas unidos: um itinerário de crescimento, formação e socialização para meninos, meninas e adolescentes num bairro de Maputo - Polana Caniço*" com o financiamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália, Cooperação Italiana.

A responsabilidade dos conteúdos desta publicação é das organizações que desempenharam as actividades do projecto. Portanto, o que vem escrito não representa de forma nenhuma as posições do Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano.

Concepção e direcção editorial

Abdul Faquir e Patrizia Rota

Comité científico

Francesca Lulli, socio-antropóloga e pesquisadora na Universidade La Sapienza, Roma – Italia
Geraldo Adriano Timbe, estatístico e consultor independente, Maputo – Moçambique

Tradução em língua portuguesa

Mauro Pindula

Fotografias

Arquivo Cies

Material didáctico

Setembro 2012

Gráfica e capa

Antonello Massenti

Impressão

GLOBAL DESIGN Lda. - Maputo

A publicação não está á venda, pode ser solicitada nos seguintes endereços:

Meninos de Moçambique

Rua Tenente Valadim 98 - Maputo
Tel. +258 (21) 304116
mdm@tvcabo.co.mz

CIES

Rua Karl Marx 173 - Maputo
Tel. +258 (82) 3049454
cies.moz@tvcabo.co.mz

É autorizada a reprodução dos textos e das fotografias
fazendo menção da fonte e dos autores

INDÍCE

<i>Abreviaturas</i>	<i>iv</i>
<i>Prefacio</i>	<i>v</i>
<i>Ficha do projecto</i>	<i>vii</i>

<i>APRESENTAÇÃO</i>	<i>1</i>
<i>INTRODUÇÃO</i>	<i>11</i>
<i>CONTEXTO</i>	<i>17</i>
<i>INQUERITO</i>	<i>31</i>
<i>DESTAQUES INDEPENDENTES</i>	<i>95</i>

<i>Agradecimentos</i>	<i>109</i>
-----------------------	------------



Destagues independentes

PROJECTO Polana Caniço

As necessidades de formação dos operadores sociais em Moçambique.

O tema da formação, em Moçambique, constitui um dos aspectos centrais para completar o salto de qualidade definitivo de um desenvolvimento vezes sem conta visto como mero crescimento económico, ostentado na sua forma mais “dura e pura”.

Se a formação é aplicada a âmbitos específicos, quais, por exemplo, o relativo à protecção social, o impacto que esta pode ter é ainda maior, considerados sobretudo os níveis de consciência e competência dos operadores moçambicanos.

O CIES, que opera em Moçambique há muitos anos, contando com a estreita colaboração de ONGs e instituições locais, procurou testar tais competências, confiando numa pequena equipa de pesquisadores, que teve a honra de coordenar.

Sendo assim, foi preparado um simples programa de pesquisa-formação dirigido aos operadores sociais que trabalham principalmente (mas não exclusivamente) com os meninos de rua, procurando verificar de que tipo de formação eles necessitem, com o objectivo de melhorar as suas performances profissionais. Para alcançar esta meta, que desembocou num curso que o Cies organizou junto à Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane e à Università “Tor Vergata” de Roma (CREG), os investigadores envolvidos tentaram traçar uma espécie de “balanço das competências” das suas capacidades e conhecimentos profissionais, quer de tipo teórico quer prático. Os instrumentos metodológicos usados foram:

1. Um questionário a escolha múltipla, relativo às principais competências que qualquer operador social deveria possuir na sua bagagem profissional, das bases do sistema de protecção social às leis que tutelam a infância e a mulher, quer ao nível internacional, quer nacional, englobando inclusive questões inerentes a como o operador, na prática, deveria relacionar-se com o menor desfavorecido ou vulnerável;
2. Grupos de focalização, tentando compreender a motivação e o interesse dos operadores sociais para com o seu trabalho, identificando as suas possíveis lacunas.

Os operadores que participaram a essas actividades foram cerca de 70; a sua formação era bastante heterogénea. O grupo maioritário era composto por operadores “de rua” da ONG partner do Cies, “Meninos de Moçambique”, ou de diferentes ONGs; havia também um grupo de “voluntários”, que trabalhavam sobretudo com diversas igrejas

Destaques independentes

nas zonas semi-urbanas da cidade de Maputo e, portanto, com uma abordagem e conhecimentos menos específicos em relação ao primeiro grupo; finalmente, uma série de representantes institucionais da Acção Social (a nível nacional e também da cidade de Maputo), com perspectivas diferentes se comparadas com o primeiro e também com o segundo grupo.

Uma tal análise, que tocou o terreno das competências assim como o das motivações, deu resultados bastante esclarecedores: no sentido de assinalar a urgente necessidade de levar a cabo um período de formação, quer teórica quer prática, sólida e duradoura.

Diferentemente das expectativas do CIES e dos “Meninos de Moçambique”, os resultados assinalaram a presença de graves lacunas mesmo na componente prática, em que os operadores “profissionais” demonstraram competências mais afincadas em relação àquelas evidenciadas. Isso demonstrou a prevalência de uma abordagem de tipo “paternalístico” e “objectual” (em que as crianças e os meninos com que se trabalha são considerados, na sua maioria, como simples “objecto” da intervenção, e não co-protagonistas do seu próprio destino), se calhar ainda mais preocupante em relação às lacunas de tipo “teórico” que tinham sido preventivadas. Claro que uma tal situação abre espaço às demais reflexões, ou seja, que tipo de Estado e protecção social existem hoje em Moçambique, e quais podem ser os possíveis melhorias neste sentido.

Essa postura não plenamente adequada caracteriza sobretudo os operadores sociais “voluntários”, que acentuam os aspectos de “solidariedade” e de “empatia emocional”, mais que o “saber fazer” de tipo profissional.

O dado positivo, que emergiu claramente dos focus-groups, é a motivação muito forte (por vezes “espontânea”, em outras circunstâncias “adquirida” num segundo tempo) por parte de praticamente todos os operadores intervenientes. Numa sociedade sempre mais competitiva e propensa a valores-guia de tipo económico e não ético, este aspecto representa certamente o elemento de maior valor emergente de forma consistente. Isso significa que o trabalho de operador social (voluntário ou profissional) não é considerado como uma actividade qualquer, mas tem uma sua especificidade moral muito bem percebida e expressada.

A necessidade de uma formação mais sólida e duradoura tornou-se clara por parte de todos os sujeitos intervenientes, dos operadores aos investigadores, até as instituições e ONGs que aceitaram de os seus operadores confrontarem-se com uma intervenção de análise e pesquisa do tipo acima mencionado.

O curso breve organizado pelo Cies junto com CREG/Tor Vergata e a Faculdade de Direito

da UEM procurou dar uma primeira resposta às profundas exigências de formação dos operadores sociais moçambicanos, entretanto intervenções mais específicas e prolongadas serão necessárias, de forma a garantir o imprescindível salto de qualidade de tipo formativo, já inadiável.

Luca Bussotti

Investigador Auxiliar CEA/ISCTE-IUL, colaborador de CIES-Moçambique e Docente de Sociologia do Desenvolvimento no Curso de Mestrado em Comunicação e Cooperação para o Desenvolvimento da Universidade Eduardo Mondlane.